



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

ENTRE MÉDIUM E *MEDIUM*:

PROCESSOS MUDIÁTICOS NA HISTÓRIA DO ESPIRITISMO

BETWEEN SPIRIT MEDIUM AND *MEDIUM*:

MEDIATIC PROCESSES IN THE HISTORY OF SPIRITISM

João Damasio da Silva Neto¹

Resumo: O presente artigo visita a história do espiritismo para mapear tecnologias e mídias comunicacionalmente significativas para este movimento religioso ao longo do tempo. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica exploratória a partir do estudo aprofundado de um livro basilar sobre a história do espiritismo, de um ponto de vista amplo e antropocêntrico: “A mesa, o livro e os espíritos”, de Marion Aubrée e François Laplantine. Para propor uma sistematização inicial, articulamos a revisão bibliográfica de pesquisas recentes sobre mídia e espiritismo no Brasil e questionamos a teoria que o situa como uma religião de “baixa mediação”.

Palavras-chave: mediatização da religião; mediatização do espiritismo; história do espiritismo.

Abstract: The present article visits the history of spiritism to map technologies and media communicationally significant for this religious movement over time. This is an exploratory bibliographical research based on an in-depth study of a basilar book on the history of spiritism, from a broad and anthropocentric point of view: “The table, the book and the spirits”, by Marion Aubrée and François Laplantine. To propose an initial systematization, we articulate the bibliographic review of recent research on media and spiritism in Brazil and question the theory that places it as a “low mediation” religion.

Keywords: mediatization of religion; mediatization of spiritism; history of spiritism.

¹ Doutorando em Ciências da Comunicação (Unisinos), mestre em Comunicação (UFG), graduado em Jornalismo (FARA), técnico em sistemas de informação (CEFET-Urutaí) e formado em interpretação teatral (CEP em Artes Basileu França). joaodamasio16@gmail.com



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Este texto é um ensaio crítico de revisão à literatura sobre mídia e espiritismo, questionando esta relação a partir da ideia de mediação. A partir de uma discussão bibliográfica inicial e ampla, focamos no estudo e mapeamento de processos midiáticos e de tecnologias na história do espiritismo. Com o objetivo de efetuar um primeiro movimento exploratório em direção a um projeto de doutorado proposto acerca da temática, questionamos aqui: Quais são os processos tecnológicos e midiáticos presentes nas ideias e práticas do movimento espírita² e até que ponto dão pistas sobre seu processo de mediação?

Começamos por sinalizar a peculiaridade de que o surgimento do espiritismo coincide historicamente com o advento da mídia, podendo configurar uma relação específica nos estudos de mediação da religião. Por isso, criticamos a proposição do prof. Luís Mauro Sá Martino sobre religiões de alta ou baixa mediação e sugerimos que esta seja uma classificação aplicada aos momentos históricos no interior das tradições religiosas e apenas de modo a identificar determinados posicionamentos institucionais, já que as religiosidades vêm sendo atravessadas por mediações e pelo processo de mediação independente desta perspectiva sobre as instituições.

Tomamos uma pesquisa clássica dos antropólogos Marion Aubrée e François Laplantine como objeto de análise do qual extraímos, segundo a proposição organizativa desta obra, os processos midiáticos presentes em quatro recortes históricos do movimento espírita no mundo, mas especialmente entre França e Brasil. Pudemos sistematizar os modelos comunicacionais e midiáticos destes momentos históricos conforme o texto analisado e complemento de outras pesquisas e observações citadas, especialmente pós-1990, quando a obra em estudo foi concluída e publicada.

A obra de Aubrée e Laplantine foi escolhida para este estudo porque combina técnicas de abordagem e de análises da sociologia, da antropologia e da história, fornecendo inúmeros detalhes pontualmente descritos, ainda que se trata de uma visão global sobre a história do espiritismo. Um destes detalhes é a menção a aparatos tecnológicos e processos midiáticos na história do espiritismo.

² “A doutrina espírita ou o Espiritismo tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível” (KARDEC, 2011, p. 16). Codificada por Allan Kardec a partir da publicação de “Le livre des esprits” em 1857 na França, encontra no Brasil seu maior número de adeptos.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

1. Coincidência histórica entre mídia e espiritismo

A palavra mídia tem uma história bastante simples, significa meio. É uma palavra antiquíssima; vem do latim, *medium*, que deu em português também a palavra *médium*, que, passando pelos Estados Unidos, retornou ao espaço latino com pronúncia americanizada. E a pronúncia americanizada, ou anglicizada, se transformou em escrita. Então, no Brasil, passou a ser escrita *mídia*, transcrição da pronúncia inglesa para o plural latino de *medium*, que tanto em latim quanto em inglês se escreve *media*. Mas a palavra tem raiz mais profunda. Na língua da qual vem o latim e quase todas as outras famílias linguísticas europeias, o indo-europeu, essa palavra já existia, *medhyo*, e já significava meio, espaço intermediário. E ela poderia ser traduzida hoje, livremente, por meio de campo. Assim, a mídia não é outra coisa senão o meio de campo, o intermediário, aquilo que fica entre uma coisa e outra. (BAITELLO JUNIOR, 2014, p. 43)

A coincidência do termo *medium* abrigado do latim em *médium* para os espíritas e em *mídia* para o conceito de meio de comunicação não é superficial, principalmente quando Baitello Júnior (2014, p. 45) acentua que “a primeira mídia, a rigor, é o corpo - e por isso chamamos o corpo, portanto, de mídia primária”. Para os espíritas, esta mídia primária é um instrumento de mediunidade, ou seja, de contato entre o mundo material e o mundo espiritual.

A necessidade de definição para se referir à mediunidade e aos aparatos de comunicação parece ter emergido ao mesmo tempo. O imaginário espírita remete aos cenários da modernidade. Esta doutrina surgiu no século XIX, na França, no contexto em que o positivismo vigorava, o processo de urbanização se tornava visível, a proliferação das mídias e a reprodução técnica em larga escala começavam a transformar as práticas sociais e a racionalidade antropocêntrica imperava como descoberta.

O espiritismo é uma das poucas religiões que surgiram simultaneamente ao advento da mídia e ao uso expandido das tecnologias voltadas à comunicação. Ao contrário das tradições mais antigas, que enfrentam processos de transformação em suas práticas contemporâneas ao adaptarem-se à ambiência midiática, o movimento espírita não pode estranhar este contexto. Assim, nos perguntamos em que termos conceituar a mediação do espiritismo.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

2. Estudos sobre espiritismo, mídia e mediação

A mediação “é o nome que vem recebendo o processo de articulação do funcionamento das instituições sociais com os meios de comunicação” (SODRÉ, 2010, p. 7). Mas não se reduz a uma articulação de dois campos estanques. “Mais do que uma tecno-interação, está surgindo (...) um novo modo de ser no mundo, representado pela mediação da sociedade” (GOMES, 2017, p. 66).

Gomes (2017, p. 32) explica que “mediação” é um conceito “plurívoco”, já que “admite ou recebe vários significados”. As pesquisas empíricas sob esta perspectiva normalmente se propõem a “investigar o que está sendo transformado nos processos comunicacionais observados” (BRAGA, 2013, p. 171). Ou seja, a mediação pode ser entendida como um processo de transformação das estruturas tradicionais – ou, de acordo com Sodré (2010), de “reinvenção da cultura”.

Não é factível abordar as múltiplas abordagens deste conceito, mas podemos nos basear, especialmente no caso da mediação da religião, na noção de transformação da tradição, ou seja, que vai “interferir no seu modo de viver e estruturas as relações sociais” (GOMES, 2017, p. 126).

A mediação (...) como processo viabilizador e favorecedor de circuitos de complexidade ampliada, pondo em conjunção circunstâncias que antes podiam se compartimentar em sistemas quase estanques, em ‘mundos separados’, propicia uma zona de confluência geral de ‘códigos’ e ‘lógicas’ os mais diversos. (BRAGA, 2013, p. 164)

A mediação da religião, portanto, é indicada por meio de transformações tecnoculturais observadas nas práticas e sentidos das antigas tradições e “algumas denominações religiosas têm nas mídias mais do que um aliado na divulgação de uma mensagem, mas quase sua razão de ser” (MARTINO, 2016, p. 34).

Arriscamos uma síntese sobre os principais temas de estudo sobre a mediação do espiritismo em pesquisas recentes no Brasil:

a) A relevância das letras para os espíritas. É o caso dos estudos de Lewgoy (2000, 2004) e Portela (2012), que acompanham em sucessivos trabalhos o mercado editorial espírita. Também indiciam pesquisas etnográficas e de recepção sobre os significados dessa marca identitária em grupos espíritas;



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

b) As iniciativas midiáticas de instituições espíritas, sempre cautelosas com o conteúdo doutrinário e a vinculação com a racionalidade científica e o arcabouço religioso, em sites de internet, programas e produtos audiovisuais. É o caso, dentre outros, do trabalho recente de Saraiva (2017);

c) A espetacularização dos temas espíritas na mídia leiga. Os trabalhos de Nascimento e Garcia Junior (2012, 2015) e de Alves e Pereira (2014) reclamam o papel pouco alinhado aos objetivos da divulgação espírita, tanto em noticiários quanto – e principalmente – em telenovelas. O trabalho de Rocha e Meigre (2017) avalia avanços estilísticos do espiritismo nas telenovelas brasileiras;

d) As convergências do imaginário espírita. É o caso da vinculação entre urbanidade e religião na representação de “cidade espírita” em Palmelo-GO (DAMASIO, 2016) e do estudo de Costa (2014) sobre o imaginário da bíblia na estrutura da narrativa cinematográfica espírita.

Estudos mais amplos sobre a midiatização do espiritismo são pouco frequentes, especialmente porque, institucionalmente, o espiritismo seria uma religião de “baixa mediação”, com pouca transformação de sua tradição em decorrência dos processos midiáticos.

No campo das Ciências da Comunicação, ou seja, excetuando-se as descrições contidas nos livros de história do espiritismo, ainda não observamos nenhum estudo que se refira aos processos midiáticos e tecnológicos que foram muito relevantes não só para a rápida divulgação do espiritismo no ocidente, mas também porque, conforme Aubré e Laplantine (2009, p. 54 e 64), “o espiritismo é uma teoria da comunicação generalizada” e “é à tecnologia de ponta da época que o ‘Espiritismo moderno’ recorre” para cumprir suas promessas religiosas.

3. Midiatização do espiritismo e “baixa mediação” como parte de um processo

Os estudos sobre a midiatização da religião dirigem-se, em sua maioria, às denominações que congregam mais fieis e que mais investem em mídias massivas. “O número de estudos dedicados às relações entre mídia e outras religiosidades – além de católicos e protestantes – é menor” (MARTINO, 2016).



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Martino (2016, p. 44) propõe uma classificação em termos de “alta mediação” e de “baixa mediação”. “A ideia principal é que, quanto mais ‘mediada’ uma denominação for, mais aberta ela está para adotar, em suas práticas, ideias e estilos da mídia e do entretenimento”. O critério utilizado pelo autor foi o uso que as igrejas fazem da televisão. “Se uma igreja decide concentrar seus esforços em propagar sua mensagem via TV, isso pode ser um índice da importância dada à presença no ambiente midiático”.

Certamente, o critério utilizado neste texto por Martino traz bons indicativos, mas gera questionamentos sobre outros critérios menos explícitos. Primeiramente, o uso da televisão como principal elemento da comunicação religiosa não depende apenas de uma decisão das instituições religiosas, pois carece do poder econômico para se concretizar. Um segundo aspecto é que a visibilidade em programas televisivos depende também do critério quantitativo referente à audiência (número de fiéis). Estes indicativos nos levam a considerar, com o autor, que as religiões de alta mediação são as mais popularizadas, as mesmas sobre as quais há mais estudos – alguns setores da igreja católica e algumas igrejas evangélicas. Apesar de serem constatações positivas, elas se resumem, aparentemente, ao paradigma de estudos sobre a cultura de massa.

O espiritismo, bem como religiões afrobrasileiras, de origem semita, de algumas igrejas protestantes e de alguns setores da igreja católica seriam religiões de baixa mediação. Talvez seja útil caracterizar melhor o processo de midiatização da religião em outras denominações que não as hegemônicas, efetuando a crítica sobre a prevalência do econômico³, a adoção da linguagem do entretenimento⁴ e ainda sobre a cultura de massa⁵.

³ Para Sodré (2010, p. 31), a midiatização reclama um estágio avançado na financeirização da sociedade sobre a base virtual ou informacional. O mesmo autor defende que “a complexidade dessa nova ordem tecnocultural não nos permite pensá-la, entretanto, como mera instrumentação da esfera econômica”.

⁴ Uma das primeiras interpretações sobre a sociedade em midiatização se deu na identificação de uma “sociedade do espetáculo”, que trabalha todos os conteúdos culturais sob a perspectiva do entretenimento (DERBORD, 1997).

⁵ A cultura de massas foi identificada como espírito do tempo por Morin (1997) provavelmente num primeiro impulso do que hoje culmina no processo de midiatização, mas os conceitos de massa e da indústria cultural que o conclamava têm sido suficientemente questionados. “Neste momento propriamente tecnocultural, as imagens estetizantes disseminam-se por toda parte, sem se definirem mais



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

A classificação proposta por Martino (2016, p. 45), sem dúvidas, tem ampla capacidade explicativa. O espiritismo está entre “denominações de baixa mediação (...), aquelas que procuram, por suas razões, menor interseção – ou mesmo afastamento – do ambiente midiático”.

Tendo em vista o caso do espiritismo, sugerimos que esta classificação (alta e baixa mediação) seja aplicada aos momentos históricos no interior das tradições religiosas, alinhando-se mais com a ideia de processos de mediação.

Para as relações que vão de uma prática (processos midiáticos na história do movimento espírita) até um sentido (o imaginário espírita), especialmente em contextos religiosos, que envolvem um modo de ser, mas também de conhecer, Bratosin propõe uma perspectiva “semioantropológica” ao buscar por “dispositivos de concertação” ou por uma “coesão social” como objeto das ciências da comunicação, no que se aproxima de Sodré (2014) em sua ciência do comum.

Bratosin (2007) permite delimitar a noção que aplicamos aqui acerca do imaginário de uma religião quando coloca o “mito como paradigma de inteligibilidade no campo das ciências da informação e da comunicação”⁶. A imaginação espírita sobre as tecnologias da comunicação remonta, pois, a uma mitologia do espiritismo. Questionar por sua concertação é buscar sua “ordenação simbólica” (SODRÉ, 2014).

A questão que colocamos já traz o problema histórico da relação entre mídia e espiritismo. Além da constatação de Baitello Junior e outros pesquisadores, Kittler (*apud* ANDRIOPOULOS, 2014, p. 16) foi um dos primeiros a destacar o duplo sentido de *medium*, chegando a sugerir que “não há diferença entre a mídia ocultista e a técnica”. Andriopoulos (2014) observa, historicamente e em perspectiva pós-kittleriana, que não há determinismo cultural nem tecnológico, mas “precondições culturais e tecnológicas específicas que possibilitaram o surgimento de novos argumentos filosóficos” (p. 20), dentre eles o espiritismo. Há, portanto, “interrelações de campos culturais e práticas midiáticas contemporâneos uns aos outros” (p. 23).

a partir de uma zona especial a que possamos dar o nome de ‘indústria’, nem a partir de um público dito ‘de massa’” (SODRÉ, 2010, p. 7).

⁶ Tradução livre do original: “mythe comme paradigme d’intelligibilité dans le champ des Sciences de l’Information et de la Communication”.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

É válido considerar, por exemplo, alguns aspectos como a coincidência histórica entre o espiritismo e o desenvolvimento dos meios de comunicação (transporte, imprensa, imagem fotográfica e transmissão de mensagens pessoais diretas), ambos sob a ideologia da racionalidade tecnicista e evolucionista.

4. Transformações históricas no movimento espírita e a geografia das ideias na análise de Marion Aubrée e François Laplantine

Deste modo, neste artigo proponho analisar o desenvolvimento do uso das mídias por instituições espíritas, especialmente destacando os contextos de transformações doutrinárias, que remetem a transformações no imaginário espírita, em pelo menos quatro momentos, seguindo a etnografia de Marion Aubrée e François Laplantine: o surgimento do espiritismo francês, sua expansão brasileira, a atualidade do espiritismo brasileiro e o retorno à França (mais especificamente a exportação do modelo brasileiro para uma internacionalização em vários países).

“A mesa, o livro e os espíritos”, publicado em 1990 pelos antropólogos franceses Marion Aubrée e François Laplantine, pode ser considerado um livro clássico sobre a “gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil”. Tomando esta obra como objeto de análise, extraímos dela os processos midiáticos descritos em quatro recortes históricos que os autores propõem sobre o movimento espírita no mundo, mas especialmente entre França e Brasil, em um movimento de mão dupla. O percurso histórico é traçado por meio de uma geografia das ideias espíritas entre estes dois países. Todos os dados abaixo tem como fonte o texto de Aubrée e Laplantine (2009) e complementados, quando pertinente por outras análises que reforçam o sentido atribuído às mídias neste texto.

O objetivo da breve análise que se empreende neste artigo é exploratório sobre as referências midiáticas e tecnológicas produzidas ou apropriadas no seio do movimento espírita ao longo do tempo, permitindo uma visualização superficial, mas global sobre o tema, no que se restringe à obra selecionada para este estudo.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

4.1. *Modern spiritualism* e o surgimento do espiritismo na França

O grupo de Allan Kardec se localizava especialmente em Paris e Lyon, na França. Lá é que circularam as ideias que fizeram do espiritismo uma metafísica materialista, baseada na tecnologia de ponta da época, incluindo os dispositivos de mídia, como telégrafo, fotografia e imprensa. No *modern spiritualism*, de origem norte-americana, que dá berço às ideias espíritas francesas do século XIX, costumava-se falar em “spiritual telegraf” para se referir às práticas espiritualistas, mas várias outras tecnologias serviram de referência para as explicações e difusão do espiritismo.

Se o espiritismo se difunde com surpreendente rapidez (em alguns anos a obra de Kardec se espalha pelo mundo inteiro), é graças à intensificação dos meios de comunicação que se articulam a partir da segunda metade do século XIX: as estradas de ferro, os transportes marítimos que levam multidões de imigrantes para a América e sobretudo a imprensa. Coloca-se em prática estruturas de comunicação que evoluem segundo as descobertas técnicas. (AUBRÉE; LAPLANTINE, 2009, p. 65)

Além da imprensa, a fotografia espírita e demais técnicas de imagem foram extremamente exploradas e difundidas em revistas que circulavam com tiragens vantajosas para a época mostrando a realidade espiritual pela captação de luzes e ectoplasmas ali representados. A fotografia conseguiria capturar o além em uma imagem.

4.2. Expansão do espiritismo brasileiro

A chegada do espiritismo ao Brasil se deu com fortes movimentações em Salvador e no Rio de Janeiro, estendendo-se a São Paulo e, de lá, para o interior brasileiro, especialmente cidades mineiras. Foi um momento de intenso debate público por meio de jornais e revistas, envolvendo conflitos entre espíritas, padres e médicos.

Segundo Aubrée e Laplantine (2009, p. 158), a triagem das revistas espíritas é impressionante. Eles mencionam alguns periódicos que começaram com dois ou três mil exemplares (número considerável para meados do século XX) atingindo 15 até 24 mil exemplares. “Ora, no Brasil, em 1900, nenhum jornal diário ultrapassava 6.000 cópias”.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Casas espíritas adquiriram rotativas para o trabalho de impressão ou fundavam os primeiros jornais locais. Era já a religião incluindo em seu processo social um trabalho de mídia. Além disso, inúmeros jornais e rádios retrataram os feitos de caridade e de mediunidade, a exemplo de Chico Xavier, Zé Arigó e Eurípedes Barsanulfo.

4.3. Atualidade do espiritismo no Brasil

Após embates internos no movimento espírita nas décadas de 1920 a 1940, o espiritismo no Brasil ganhou uma forma estritamente religiosa sob as diretrizes hegemônicas da Federação Espírita Brasileira (FEB) por meio da criação de “Departamentos de Divulgação”. Práticas de estudo e leitura são incentivados e propiciados largamente por iniciativas extremamente midiatizadas:

A partir de seu ‘Departamento de divulgação doutrinária’, cada centro edita jornais (há várias centenas no Brasil), ou mesmo revistas; organiza um serviço de empréstimo de obras que podem assim ser consultadas nas bibliotecas espíritas. Em cada grande cidade brasileira, existem ‘Clubes do livro espírita’ que preparam as ‘Festas do livro espírita’ muitas vezes subsidiadas pelas municipalidades (...). (AUBRÉE; LAPLANTINE, 2009, p. 236)

Os números são destacados pelos autores em várias ocasiões, como ocorre quando contabilizam a surpreendente progressão das vendas de livros espíritas, “o conjunto das vendas, um total de 9.177.000 livros nesse ano (1987)” (AUBRÉE; LAPLANTINE, 2009, p. 237).

Stoll (2014) pensa o investimento na literatura espírita como uma alternativa estratégica do espiritismo perante a concorrência televisiva de certo modo injusta para com religiões de menor porte, com menos recursos financeiros, menos fontes de renda e menor audiência.

Num momento em que a inserção na mídia, em especial a televisão, se destaca como fator de divulgação doutrinária, constituindo um novo campo de disputa no espaço público, o Espiritismo vem alargando sua inserção social, especialmente entre os segmentos da classe média, por meio do investimento no campo literário. (STOLL, 2004, p. 181)



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Editores, que podem ser considerados agentes de mídia (do mercado editorial), são inseridos no campo religioso do espiritismo, substituindo a lógica anterior do missionário voluntário distribuidor de livros. Esta é uma transformação destacada por Lewgoy (2004, p. 55): “os editores passam a pensar-se cada vez mais como protagonistas com importância crescente no interior do campo religioso”.

Principal veículo de divulgação desta religião, a literatura espírita aquece um poderoso mercado editorial, o qual não tem necessidade imperiosa de uma rede de centros e representantes para sua divulgação e aponta para a existência de várias modalidades e graus de relação com a doutrina espírita. De fato, o amplo consumo da literatura espírita não pode ser interpretado como conversional ou interno, mas indicador de uma alternativa religiosa que comporta, no limite, uma relação frouxa, individual e literária com sua doutrina (LEWGOY, 2004, p. 64).

Surgiram entidades – hoje gigantescas – especificamente de divulgação espírita, como a Sociedade de Divulgação Espírita Auta de Souza (SODEAS), com inúmeros aparatos de mídia, encontros espíritas com milhares de pessoas em várias partes do país e uma mobilização de base considerável.

4.4. Internacionalização do espiritismo brasileiro

Tanto a SODEAS quanto a FEB têm iniciativas estratégicas atuais de internacionalização do espiritismo brasileiro, ou seja, o modelo moral e religioso, abstraído de Kardec, mas alheando-se das práticas laicas, científicas e filosóficas.

À época da publicação analisada não era ainda um plano tão claro e assumido um movimento amplo de internacionalização, mas já havia indicativos que seguiram em expansão, como a realização de congressos internacionais na Europa (mas que tem maioria brasileira entre os inscritos e organizadores) e a realização de palestras de renomados divulgadores espíritas como Divaldo Pereira Franco, que, conforme Aubrée e Laplantine (2009, p. 358) começaram especialmente na Sociedade Joana d’Arc.

Conforme Lewgoy (2008), o Brasil é o país mais espírita do mundo, não só quantitativa, mas qualitativamente, exportando seu modelo hegemônico de espiritismo.



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

Neste momento, está em curso um processo de “transnacionalização do espiritismo kardecista brasileiro”.

Certamente, um dos observáveis a serem considerados, além de fortes transformações no mercado editorial espírita, é a presença do espiritismo na internet, que ainda é pouco estudada, mas sabe-se que há iniciativas formatadas e pensadas por diversos grupos buscando geralmente uma interseção maior com temas sociais. O uso da internet por agentes espíritas, no Brasil, começa em 1992, segundo Saraiva (2017, p. 13): “Em 15 de novembro de 1992, o espiritismo chega à internet, graças ao GEAE – Grupo de Estudos Avançados Espíritas, primeiro grupo espírita brasileiro a usar a plataforma da internet para divulgar os postulados kardecistas”.

5. Modelos de comunicação e de mídia na história do movimento espírita

Com base nos recortes históricos acima e na observação das mídias e tecnologias relacionadas aos mesmos, elaboramos um quadro de síntese da interpretação realizada, retirando consequências sobre modelos comunicativos (referentes ao modo como o movimento espírita entende e lida com a comunicação em cada período) e modelos de mediatização (referentes ao modo como o movimento espírita entende ou se apropria midiaticamente dos aparatos tecnológicos em cada período). Por fim, atribuímos um nível de mediação, relativo ao que fora apreendido acima a partir da classificação de Martino (2016), adaptado à lógica de pensar alta e baixa mediação em determinados períodos de tempo ao considerar os modelos comunicativos e de mediatização no seio do movimento religioso específico.

Quadro 1 - Modelos comunicativos e midiáticos na história do espiritismo

Recorte histórico	Surgimento do espiritismo na França	Expansão do espiritismo brasileiro	Padronização do espiritismo brasileiro	Internacionalização e recepção francesa
Modelos comunicativos	Transmissão generalizada	Mediação na esfera pública	Divulgação	Conversão
Modelos de	Tecnologias	Veículos de	Veículos	Empresas espíritas



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

mediatização	de ponta	imprensa	próprios	de mídia
Nível de mediação	Alta	Alta	Baixa	Baixa, em mediatização

Fonte: Elaborado pelo autor.

Em síntese, podemos considerar que, no primeiro momento delimitado, os espíritas se valiam das tecnologias mais avançadas por causa da crença de uma transmissão generalizada entre humanos, planetas e planos (material e espiritual) por meio dessas tecnologias. Como se pode observar na obra de Andriopoulos (2014), o espiritismo recorre e promove o desenvolvimento de diversas mídias ópticas neste período. Por este ângulo, é um momento de alta mediação das crenças espíritas.

No segundo momento, já no Brasil, temos o debate público das ideias espíritas pela sociedade nos veículos de mídia impressa e rádio, configurando uma visão sobre a mediação das instituições midiáticas e a presença dos espíritas como atores sociais imersos nos debates da época, especialmente aqueles voltados às ciências, às religiões e à medicina alternativa, envolvendo inclusive polêmicas sobre charlatanismo. Consideramos que foi também um período de alta mediação, especificamente da mídia sobre o espiritismo.

No terceiro momento, prevalece a incomunicabilidade evitando ao máximo a discordância pública e, junto, o diálogo. Assim, restringe-se à divulgação por meio de veículos próprios como modo de afastamento dos debates públicos e criação de uma esfera própria em que se privilegia a criação de departamentos de divulgação espírita adotando métodos do campo religioso internamente com seus públicos, como a distribuição de mensagens e publicações próprias. Neste caso, reconhecemos um nível de baixa mediação pela falta de intersecção e recursividade com tecnologias, mídias e outros campos sociais.

No quarto momento, o espiritismo brasileiro busca se expandir e é preciso avaliar melhor a realidade dessa recepção nos demais países, especialmente na França que recebe um produto cultural seu transformado. Isso é feito por entidades espíritas especializadas e que tem na sua razão de ser a mídia com intuito de conversão, aparentemente retornando a uma visão do modelo hipodérmico de comunicação. Assim,



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

trata-se de um momento de baixa mediação em termos de atravessamentos com outros campos sociais e presença midiática, mas também é possível observar a inferência provocada pelo processo de mediação em que inúmeras temáticas espíritas passam a atravessar produções audiovisuais, produtos seus passam a circular em diferentes circuitos, ainda que haja aparentemente uma espécie de restrição interna dos conteúdos aos moldes da divulgação e da conversão em uma eticidade religiosa sistemicamente fechada, o que vem se modificando não pelas instituições, mas pela circulação e pelos contatos com outros referentes por meio dos atores sociais espíritas, que compartilham, reeditam e criam comunidades e conteúdos, ficando isso como pista para o estudo da mediação do espiritismo.

6. Considerações: questões ainda amplas

Tentamos apresentar uma discussão inicial sobre a especificidade do espiritismo no contexto de mediação da religião. Como falar das transformações provocadas pela mídia em uma religião que não tem uma tradição anterior ao advento das mídias?

Se há exemplos de denominações - especialmente as neopentecostais - que têm na mídia sua razão de ser, não se pode negar que os estudos presumem sua mediação pelo fundo de suas matrizes tradicionais. Diferentemente, a tradição espírita se confunde historicamente com o processo de mediação da religião. Que transformações e quais características emergem desse processo de mediação?

Referências

ANDRIOPOULOS, Stefan. **Aparições espectrais**: o idealismo alemão, o romance gótico e a mídia óptica. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

ALVES, M. PEREIRA, A. M. Repercussão da abordagem do espiritismo nas telenovelas segundo a percepção dos centros espíritas de Santa Maria. In: **Disciplinarum Scientia**: Sério Sociais e Aplicadas. Santa Maria, v. 9, n. 1, p. 79-95, 2013.

AUBRÉE, M.; LAPLANTINE, F. **A mesa, o livro e os espíritos**: gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil. Maceió: EDUFAL, 2009.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

BAITELLO JUNIOR, N. **A era da iconofagia**: reflexes sobre imagem, comunicação, mídia e cultura. São Paulo: Paulus, 2014.

BRAGA, J. L. O que a comunicação transforma? In: BRAGA, J. L. (et al.). **Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2013.

BRATOSIN, S. **La concertation dans le paradigme du mythe**: de la pratique au sens. Peter Lang, Bern, Berlin, Bruxelles, Frankfurt am Main, New-York, Oxford, Wien, 2007.

CANABARRO, I. S. **Teoria e métodos da história**. Ijuí: Unijuí, 2008.

CLUBE DO LIVRO ESPÍRITA DO BRASIL. **Histórico**. Disponível em: <http://clubedolivroespirita.com/index.php?option=com_content&view=article&id=49&Itemid=56>. Acesso em: 01 out 2017.

COSTA, A. F. **A representação do espiritismo nos filmes Nosso Lar e Chico Xavier**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Goiânia: UFG, 2014.

DAMASIO, J. **A cidade espírita em Palmelo (GO)**: comunicação entre sistemas simbólicos. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Goiânia: UFG, 2016.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2010. p. 62-83.

GOMES, P. G. **Dos meios à midiatização**: um conceito em evolução. São Leopoldo: Unisinos, 2017.

KARDEC, A. **O livro dos espíritos**: princípios da doutrina espírita. Trad. Guillon Ribeiro. 92.ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2011.

LEWGOY, B. A transnacionalização do espiritismo kardecista brasileiro: uma discussão inicial. In: **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, n. 28, v. 1, p. 84-104, 2008.

_____. O livro religioso no Brasil recente: uma reflexão sobre as estratégias editoriais de espíritas e evangélicos. **Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 6, n. 6, p. 51-69, out. 2004.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia, Religião e Processos Sociais

_____. **Os espíritos e as letras**: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista. Tese (Doutorado em Antropologia Social). São Paulo: USP, 2000. 353 p.

MARTINO, L. M. S. **Mídia, religião e sociedade**: das palavras às redes digitais. São Paulo: Paulus, 2016.

MORIN, E. **Cultura de massas no século XX**: neurose. Trad. Maura Ribeiro Sardinha. 9. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

NASCIMENTO, R. N. A. GARCIA JUNIOR, E. F. A cura espiritual em tempos de midiatização: a ressonância espetacular dos milagres do além. In: **Revista Temática**, Ano VIII, n. 10, out., 2012.

_____. Simbologias espíritas na teledramaturgia: a religiosidade no universo ficcional da Rede Globo. In: **Comunicação e Informação**, Goiânia, v. 18, n. 2, p. 73-92, jul./dez., 2015.

PORTELA, V. L. **Espiritismo**: identidade e literatura. Monografia (Graduação em Ciências Sociais). Porto Alegre: UFRGS, 2012.

SARAIVA, J. S. N. **Espiritismo na web**: Indícios de religiosidade difusa no programa Transição. Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo). Campina Grande, PB: UEPB, 2017.

SIGNATES, L. Cisma religioso e disputa simbólica: tensão comunicacional no espiritismo brasileiro e pan-americano. In: **Fragmentos de cultura**. Goiânia, v. 23, n. 1, p. 39-50, jan./mar. 2013.

SODRÉ, M. **A ciência do comum**: notas para o método comunicacional. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

_____. **Reinventando a cultura**: a comunicação e seus produtos. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

STOLL, S. J. Narrativas biográficas: a construção da identidade espírita no Brasil e sua fragmentação. **Estudos Avançados**, 18 (52), 2004. p. 181-199.

_____. Religião, ciência ou auto-ajuda? Trajetos do espiritismo no Brasil. In: **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, 2002, v. 45, n. 2, p. 361-402.